



Presidência da República  
Casa Civil  
Secretaria de Administração  
Diretoria de Gestão de Pessoas  
Coordenação – Geral de Documentação e Informação  
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA  
PRESIDÊNCIA  
DA REPÚBLICA

16 DE JULHO DE 1976.

IMPROVISO EM PORTO ALEGRE — RS,  
NO ENCERRAMENTO DO VII CONGRESSO  
ESTADUAL DOS TRABALHADORES RU-  
RAIS.

Agradeço a todos o acolhimento que me fazem nesta sessão de encerramento deste Congresso. Agradeço, sinceramente penhorado, pois considero estas manifestações como um prêmio ao esforço que meu Governo vem desenvolvendo no sentido de assegurar melhores condições à nossa vida rural.

Vim hoje aqui, com alguns ministros do meu Governo, para testemunhar-lhes a importância que atribuo a este Congresso, importância que decorre do estudo real que se faz das condições do trabalho rural. Estudo autêntico, porque é realizado por aqueles que vivem deste trabalho. Estudo, sem dúvida, valioso, pois permitirá ao Governo, através de sua análise, encaminhar soluções mais adequadas, tendo em vista o nosso desenvolvimento.

Problemas rurais, sem dúvida, são problemas extraordinariamente complexos. Não se trata apenas de organizar a produção e de encaminhar esta produção ao consumo. Não se trata apenas de um problema de terra, de trabalho, de crédito, de tecnologia. São de fato todos eles problemas intimamente interrelacionados, uns atuando sobre os outros e tornando extremamente complexa uma resultante que seja realmente eficiente e adequada.

E neste complexo, sem dúvida, sobressai o homem, o homem que precisa viver dignamente, no sentido material e espiritual, no ambiente rural.

Ele e sua família precisam ter uma remuneração justa e adequada às suas necessidades, precisam ter habitação, ter saúde, ter condições de educação para os seus descendentes e, sobretudo, precisam ter também condições de lazer.

São todos problemas difíceis, mas têm que ser encarados e vêm sendo encarados dentro das nossas possibilidades.

É evidente que, quanto mais nos adiantarmos na solução desses problemas, mais complexos eles se tornarão e novas necessidades sem dúvida surgirão, como é próprio da natureza humana. Nunca estaremos satisfeitos, sempre haveremos de querer mais e é justo que trabalhemos todos neste sentido.

De outro lado, a produção da zona rural é essencial para nosso país. Não só porque nós temos hoje cento e dez milhões de bocas que precisam ser alimentadas. Temos uma população imensa espalhada por um território que ainda está em grande parte por ser desbravado, uma população cheia de necessidades, e estas necessidades em grande parte têm que ser supridas pela produção da zona rural, pela agricultura e pela pecuária.

Por outro lado, nós não vivemos isolados no mundo. O nosso relacionamento internacional nos obriga a um intercâmbio em que a exportação é vital para nós. E, afora isso que estamos hoje em dia

realizando, de no comércio internacional nos apresentarmos com produtos manufaturados, a nossa exportação é basicamente de produtos da zona rural.

Temos que produzir, não só para nós consumirmos diretamente, mas para vendermos ao exterior. E, quando se fala em venda ao exterior, fala-se em competitividade. Temos que competir, competir na qualidade do produto, mas sobretudo no preço.

Temos que produzir a preços que permitam a colocação do nosso produto no mercado exterior. E, quando se fala em competir, recaímos num outro fator fundamental, que é o da produtividade.

Temos que melhorar a nossa produção. Temos que produzir mais, e para produzirmos mais temos que desenvolver a nossa tecnologia. São máquinas, são insumos, são sementes selecionadas, são técnicos, são defensivos, são uma infinidade de campos de ação em que a agricultura e a pecuária se modernizam para produzir mais e produzir mais barato.

Mas aí então cria-se um problema novo, com o emprego desses instrumentos todos, vamos aos poucos criando uma mão-de-obra ociosa, porque todos esses instrumentos, pela multiplicação que realizam no trabalho humano tornam ociosa uma parte do potencial de que dispomos, sobretudo num País como o nosso, em que os índices de crescimento da população são muito altos. Este é um problema com que o Rio Grande se defronta já há muitos anos.

Há muitos anos se estabeleceram entre nós, correntes migratórias, que foram povoar outras regiões

do País. E talvez seja um dos nossos padrões, que com honra apresentamos, o povoamento do Oeste de Santa Catarina, do Oeste do Paraná, do Sul de Mato Grosso, e, já hoje, a presença de gaúchos na Amazônia.

Felizmente, o Brasil é um País imenso e tem terras disponíveis, que precisam ser ocupadas. Este é um dos caminhos para a solução do nosso problema. Mas não é o único. Há outros, que nós devemos olhar, e olhar com persistência e com tenacidade. De um lado, devemos fazer com que as terras existentes sejam melhor aproveitadas, ou pela sua redistribuição, e aí recaímos no quadro geral da reforma agrária, ou pelo melhor aproveitamento de áreas reduzidas, através da produção de artigos especializados, que exigem uma tecnologia muito avançada e que representam quase que um artesanato rural — solução que poderemos encarar sobretudo nas nossas áreas de minifúndios — seja ainda por um melhor aparelhamento da nossa zona urbana, nos grandes centros, nas grandes metrópoles, pelo desenvolvimento da industrialização e do setor terciário.

Não há uma solução única, são soluções conjugadas, que devemos usar com inteligência e com discernimento, mas de qualquer forma não são soluções que se improvisam e nem se realizam a curto prazo. Elas serão progressivas, exigem tenacidade, exigem solidariedade. Não são soluções que caibam apenas ao Governo, são soluções de responsabilidade de todos, soluções que exigem, sobretudo, solidariedade.

Muito se tem feito neste sentido e o que se realizou constitui sem dúvida um penhor do muito que ainda falta por fazer, mas que haveremos de fazer todos juntos, numa solidariedade enorme, entre povo e Governo, sobretudo aqui no Rio Grande, onde a classe rural tanto fez e tanto promete ainda realizar.